



Universidade de Brasília (UnB)

Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Gestão de Políticas Públicas

(FACE)

Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais (CCA)

Curso de Graduação em Ciências Contábeis

Vinicius Lisboa Silva

Título:

A ausência de educação financeira e o nível de endividamento dos estudantes da Universidade de Brasília.

Brasília - DF

2021

Professora Doutora Márcia Abrahão Moura
Reitora da Universidade de Brasília

Professor Doutor Enrique Huelva Unternbäumen
Vice-Reitor da Universidade de Brasília

Professor Doutor Sérgio Antônio Andrade de Freitas
Decano de Ensino de Graduação

Professor Doutor Eduardo Tadeu Vieira
**Diretor da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Gestão de Políticas
Públicas**

Professor Doutor Sérgio Ricardo Miranda Nazaré
Chefe do Departamento de Ciências Contábeis e Atuarias

Professor Doutor Alex Laquis Resende
Coordenador de Graduação do curso de Ciências Contábeis - Diurno

Professor Doutor José Lúcio Tozetti Fernandes
Coordenador de Graduação do curso de Ciências Contábeis - Noturno

Vinicius Lisboa Silva

A ausência de educação financeira e o nível de endividamento dos estudantes da Universidade de Brasília.

Trabalho de Conclusão de Curso Artigo apresentado ao Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Gestão de Políticas Públicas como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Ciências Contábeis.

Orientador: Jomar Miranda Rodrigues

Brasília - DF

2021

SILVA, Vinicius Lisboa.

A ausência de educação financeira e o endividamento dos estudantes da Universidade de Brasília / Vinicius Lisboa Silva, Brasília: UnB, 2021.

Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação

Universidade de Brasília, 1º/2021

Bibliografia

1. Finanças pessoais. 2. Finanças comportamentais. 3. Educação financeira.
4. Planejamento financeiro. I. Rodrigues, Jomar Miranda. II. Universidade de Brasília. Curso de Ciências Contábeis e Atuariais.

Vinicius Lisboa Silva

A ausência de educação financeira e o nível de endividamento dos estudantes da Universidade de Brasília.

Trabalho de Conclusão de Curso Artigo apresentado ao Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Gestão de Políticas Públicas como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Ciências Contábeis, sob a orientação da Prof. Jomar Miranda Rodrigues.

Aprovado em 26 de Outubro de 2021.

Prof^a. Jomar Miranda Rodrigues
Orientador

Prof. Dr. José Humberto da Cruz Cunha
Professor - Examinador

Brasília - DF, 4 de Outubro de 2021.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus por permitir e me proporcionar esse momento e experiência incríveis, em segundo aos meus pais, que sempre me deram a melhor educação, colaborando para o meu crescimento como ser humano e pela paciência, me ajudando a alcançar meus objetivos, e também à minha namorada Isabelle, por ter paciência nesse período e ter ajudado de todas as formas para que eu conseguisse concluir o trabalho com êxito.

Agradeço também a todos os amigos que me acompanharam nessa caminhada desde o ensino médio até aqui, passando por todas as dificuldades e conseguindo atingir os nossos objetivos.

E por último, mas não menos importante, ao Prof^o Jomar Miranda Rodrigues por ter aceitado ser meu orientador e sempre estar à disposição para ajudar, obrigado pela paciência e empenho confiados à mim.

RESUMO

Pode-se considerar que o crédito às pessoas físicas, antes do Real, apresentou uma participação constante no crédito total, em torno de 2%. Após o Real, a participação saltou para próximo de 8% e permaneceu nesse nível até o fim de 1998. A partir de 1999, outro salto: o crédito às pessoas físicas atingiu 15% do total, surgindo as finanças pessoais com mais ênfase e relevância, sendo um dos temas mais discutidos. Educação financeira é um instrumento fundamental para a economia, onde pode-se ter uma formação e aprendizado financeiro, contribuindo para um país melhor e uma educação financeira de qualidade, formando jovens e adultos mais conscientes acerca das suas finanças. Dessa forma, com uma educação financeira de qualidade há diversas vantagens, como o crescimento econômico do mercado, maior poder de compra, investimentos, e conseqüentemente a expansão do sistema financeiro. O estudo teve como objetivo analisar o perfil dos estudantes da Universidade de Brasília (UnB), verificar o grau de conhecimento em educação financeira, se possuem algum tipo de investimento, se possuem algum grau de endividamento, e quantas pessoas buscam ter conhecimento em finanças pessoais independentemente do curso. Essa pesquisa foi descritiva com a aplicação de um questionário online em uma amostra de 381 estudantes, a amostra desta pesquisa é composta pelos estudantes de graduação da Universidade de Brasília (UnB). Conclui-se que 83,20% dos estudantes pagam suas dívidas antecipadamente ou em dia, grande parte dos estudantes com 63,25% planejam com antecedência suas compras, 81,36% dos discentes afirmaram ter cartão de crédito, 69,29% dos discentes possuem reserva de emergência, e em questão da importância da educação financeira, 297 discentes afirmaram que educação financeira é muito importante, em sua maioria concordam os jovens precisam se planejar desde cedo e poupar para sua aposentadoria. Conclui-se que os estudantes se preocupam em buscar conhecimentos acerca de finanças pessoais e planejamento financeiro, demonstrando conhecer a importância da mesma e pensando no futuro, e em como este pode ser mudado se houver um conhecimento básico acerca deste assunto. Além das possíveis mudanças com a inclusão da educação financeira no currículo escolar, para contribuir com uma economia melhor, a curto, médio e longo prazo. A pesquisa teve como limitação a quantidade de questionários respondidos, tendo em vista que foram respondidos 381 questionários e a população total da Universidade de Brasília com 39.699 segundo dados do anuário estatístico de 2020, e também a quantidade de Universidades em que foi aplicada a pesquisa.

Palavras-chave: Educação financeira, planejamento financeiro, finanças pessoais, endividamento.

SUMÁRIO

1	Introdução	10
2	Referencial Teórico	12
2.1	Educação financeira e finanças pessoais	12
2.2	Planejamento financeiro e estudos realizados	14
3	Procedimentos Metodológicos	15
3.1	Amostra e coleta de dados	16
4	Apresentação e Análise dos Resultados	17
4.1	Perfil pessoal	17
4.2	Perfil financeiro	19
4.3	Perfil dos estudantes em relação a educação financeira	26
5	Considerações Finais	27
	Referências	29
	Anexo I	32

1. Introdução

O crédito às pessoas físicas, antes do Real (de 1989 a junho de 1994), apresentou uma participação constante no crédito total, em torno de 2%. Após o Real, a participação saltou para próximo de 8% e permaneceu nesse nível até o fim de 1998. A partir de 1999, outro salto: o crédito às pessoas físicas atingiu 15% do total. Assim, após 1994, a tendência era de crescimento (IPEA 2002).

O déficit de conhecimento em finanças pessoais no Brasil tem atingido grandes proporções, considerando as altas taxas de inadimplência e a tendência do brasileiro em gastar mais do que recebe, além de não estabelecer uma reserva de emergência ou mesmo algum investimento, esse cenário preocupante levou o governo brasileiro a tomar algumas medidas nos últimos anos, dentre elas instituir a Estratégia Nacional de Educação Financeira – ENEF e o Fórum Brasileiro de Educação Financeira – FBEF no decreto nº 7.397/2010 que em 9 de junho de 2020 foi revogado e passou a ser o decreto nº 10.393/2020, com o objetivo de promover a educação financeira, securitária, previdenciária e fiscal no País.

Foi criada, em 1948, a Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD), financiada pelos Estados Unidos, com a finalidade de restaurar o continente que estava destruído pela guerra, criando-se uma fase de cooperação. Devido ao sucesso da organização em promover essa atitude, os Estados Unidos e o Canadá uniram-se aos membros pertencentes à OECD. Surgiu assim, sucedendo essa última organização, a OCDE, em 30 de setembro de 1961. Sua sede localiza-se em Paris, na França, o objetivo da organização é promover políticas que proporcionem o bem-estar socioeconômico da população no mundo todo (OECD).

A carência de conhecimentos em educação financeira pode prejudicar a vida pessoal, familiar e afetando principalmente objetivos futuros. Rodrigues (2012) ressalta sobre a preocupação de informar e ensinar a sociedade brasileira, de forma a capacitá-los a fazerem escolhas conscientes sobre os seus investimentos, afirmando que essa atenção é incluída pelo aprimoramento do mercado de capitais. Segundo o Giareta (2011), planejamento é importante para garantir o conforto financeiro e a manutenção das necessidades fisiológicas frente às adversidades que podem ocorrer no curto prazo, como desemprego.

Além disso, sabemos que os conteúdos lecionados nas escolas de ensino básico, fundamental e médio não abrangem matérias que têm como objetivo ensinar às crianças e jovens a importância de um planejamento financeiro e como pode ser benéfico a longo prazo. A escola deveria trabalhar com temas que auxiliem o futuro cidadão a conhecer e gerenciar suas necessidades cotidianas, porém, temas como comércio, economia, impostos e finanças não são tratados de forma adequada (Martins, 2004). Essa função seria exercida, sobretudo, pela rede pública de ensino (Oehler & Werner, 2008; Bessa et al., 2014).

De acordo com a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC), realizada pela Confederação Nacional de Bens, Serviços e Turismo (CNC) em março de 2021. O percentual de famílias endividadas no Brasil alcançou 67,3% do total em março deste ano, uma alta de 0,6 ponto percentual em relação ao mês anterior e de 1,1 ponto em comparação a março de 2020. Esse é o quarto aumento seguido do indicador, que alcançou a segunda maior proporção histórica, abaixo apenas do percentual apurado em agosto de 2020 (67,5%), números que foram obtidos no auge da pandemia do COVID 19 (CNC 2021).

Tratando-se do percentual de famílias com contas ou dívidas em atraso, um ponto positivo é que o percentual de famílias que estão com contas ou dívidas em atraso caiu ligeiramente pelo sétimo mês, alcançando agora 24,4%, índice 0,9 ponto percentual abaixo do apurado em março de 2020. Já a parcela das famílias que declararam não ter condições de pagar suas contas ou dívidas em atraso e que, portanto, permanecerão inadimplentes manteve-se estável (10,5%) na passagem mensal, após

seis meses de quedas consecutivas. O indicador mostrou alta de 0,3 ponto percentual em relação a março do último ano (CNC 2021).

Como consequência do fácil acesso de créditos bancários e da Medida Provisória 1.028/2021, que aprovou a facilitação de obtenção de crédito para pessoas físicas e jurídicas durante a pandemia. Segundo os dados da PEIC de março de 2021, a proporção das famílias que utilizam o cartão de crédito como principal modalidade de dívida voltou a crescer e chegou a 80,3% do total de famílias, dentre os tipos de dívidas apurados, além do cartão de crédito, cheque especial, cheque pré-datado e crédito consignado foram as outras modalidades com avanço no mês.

Muitas dessas pessoas começam a se endividar ainda jovens, e com o decorrer do tempo vão aumentando suas dívidas, e como vimos na PEIC, uma das principais causas de endividamentos são os cartões de créditos, dando importância que como os jovens não têm o conhecimento adequado sobre finanças pessoais, ou sequer alguns tipos de orientação sobre um planejamento financeiro acabam se endividando em bancos com diversas linhas de crédito.

Nesse sentido, pesquisas realizadas pela OECD mostraram que os jovens adultos estão entre os menores níveis de educação financeira. Isso se deve à falta de conhecimento financeiro e a falta de interesse em buscar conhecimento sobre finanças pessoais ou demais matérias similares, para que se possa fazer um planejamento melhor (OECD, 2019).

A contabilidade por sua vez, possui uma grande importância no papel da educação financeira, buscando ensinar aos seus alunos matérias de planejamento financeiro, finanças pessoais, entre outras matérias que colaboram para a educação financeira dos jovens e um melhor entendimento em economia.

Diante de diversos estudos, que demonstraram que educação financeira, planejamento financeiro, análise das finanças pessoais são fundamentais, independentemente de quaisquer variáveis, como faixa etária, gênero, situação civil, formação, dentre outros, e a importância da contabilidade para esse tema, o problema abordado neste estudo é analisar o perfil dos estudantes da Universidade de Brasília (UnB), saber o grau de conhecimento em educação financeira, se possuem algum tipo de investimento, se possuem algum grau de endividamento, e quantas pessoas buscam ter conhecimento em finanças pessoais independentemente do curso.

Dessa forma, com base no cenário atual do país, a importância do tema de finanças pessoais para a vida dos cidadãos e da sociedade, bem como os estudos já realizados sobre este tema, o objetivo do trabalho é analisar o perfil financeiro dos estudantes da Universidade de Brasília - UnB, utilizando-se de questionário para identificar o perfil financeiro, verificar se realizam um planejamento financeiro, investigar o nível de conhecimento dos estudantes sobre investimento e se realizam algum tipo de investimento, além de levantar o grau de endividamento.

O trabalho teve como base a pesquisa conduzida pela Paloma Carolina Barrón Sales, em seu trabalho de conclusão de curso em 14 de novembro em 2019, em que trata sobre “O Perfil dos Jovens Universitários diante das Finanças Pessoais: uma análise dos estudantes do curso de ciências contábeis da Universidade de Brasília”.

Para instrumentalizar esta pesquisa, utilizou-se da metodologia do tipo descritiva com aplicação de um questionário, por meio deste foi realizada uma coleta de informações junto aos estudantes da Universidade de Brasília de diversos cursos.

Acredita-se que essas informações são relevantes, pois contribuirão para uma análise do perfil dos estudantes e, com isso, poderão dar subsídio para mais pesquisas, maiores aprofundamentos sobre o tema e maior disseminação na sociedade, abrangendo o máximo possível da população, além de ter uma dimensão de como está a educação financeira em uma das principais Universidades do Brasil.

A pesquisa se justifica em verificar o conhecimento dos estudantes de graduação da

Universidade de Brasília sobre finanças pessoais, no que tange aos investimentos e endividamentos, servindo de subsídio para implantação de políticas públicas para ampliar o conhecimento dos jovens quanto às finanças pessoais.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: Nesta seção é apresentada a introdução ao tema, problema e o objetivo do estudo, bem como uma breve descrição da metodologia adotada e dos resultados da pesquisa. Na seção seguinte, é realizada uma revisão da literatura sobre **educação financeira, finanças pessoais e planejamento financeiro** para o mercado de capitais. Na terceira seção é apresentado os procedimentos adotados utilizados na pesquisa. Na quarta, é realizada a apresentação e análise dos resultados. E, finalmente, na última seção são feitas as considerações finais sobre o estudo efetuado.

2. Referencial teórico

2.1 Educação financeira e finanças pessoais

A educação financeira é o método pelo qual as pessoas melhoram a compreensão sobre o tema por intermédio de informações, orientações e explorações. O objetivo é desenvolver habilidades e confiança, bem como conhecer os riscos e oportunidades inerentes ao cenário econômico para que possa adentrar no mercado com mais segurança (GRIFONI, MESSY, 2012; SAITO, 2007).

Lusardi e Mitchell (2013), abordam que a educação financeira é a habilidade de processar conhecimentos financeiros ou econômicos para tomar decisões sobre o planejamento financeiro, tipos de investimentos e endividamentos (obrigações futuras), e com isso, o papel da educação financeira se torna um ponto essencial para tomar decisões.

O objetivo da educação financeira é tornar os indivíduos mais conscientes das oportunidades financeiras, escolhas e possíveis consequências. Dessa forma, a educação financeira pode contribuir para que elas potencializem as habilidades de economizar. (Clancy, Grinstein-Weiss & Schreiner, 2001).

O Banco Central (2015, p. 1) considera que “a Educação Financeira é o processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram sua compreensão dos conceitos e produtos financeiros”. Portanto, a educação financeira proporciona o desenvolvimento de consumidores mais conscientes das suas despesas e mais exigentes no que o mercado pode oferecer, sendo que, conforme Remund (2010), oferece um conjunto de aprendizagens para facilitar os indivíduos na tomada de decisões para o desenvolvimento de um planejamento financeiro pessoal.

O estudo de Kich (2013) mostrou que os indivíduos com maior grau de educação financeira retratam que as chances de serem influenciadas por questões irracionais no processo de decisão são pequenas, cujos resultados são provenientes de uma investigação que envolveu estudantes de diversos cursos do ensino superior, inclusive da área de negócios. Prado (2015) desenvolveu um estudo com alunos do curso de graduação em Administração e verificou que tanto os aspectos racionais como os psicológicos são os mais utilizados para a tomada de decisão financeira, mas, não foi possível determinar qual aspecto é mais proeminente.

Chen e Volpe (1998, 2002) identificaram distinções na alfabetização financeira de acordo com o gênero, a idade, a experiência profissional e de cursos associados a finanças pessoais. Apesar da decorrência de gênero ainda não ser consenso, alguns estudos mostram que o gênero feminino comparativamente tem menor educação financeira (Chen & Volpe 1998, 2002; Mandell, 2008; Lusardi et al., 2010; Jang, Hahn & Park, 2014).

Wisniewski (2011) diz que o uso de ferramentas básicas da educação financeira para a gestão de finanças pessoais contribui para a prática de economizar, além de direcionar o conhecimento de diversas modalidades de investimento, entre elas o mercado financeiro e de capitais, que possui uma grande importância para os indivíduos começarem a investir em outras modalidades.

Rodrigues (2012) destaca a preocupação de informar e ensinar a sociedade brasileira, de forma a capacitá-los a fazerem escolhas conscientes e racionais sobre os seus investimentos, de maneira que faça com que os indivíduos tenham mais autonomia para decidir sobre que tipo de investimento seria melhor naquele momento.

A OECD recomenda que a alfabetização financeira seja ensinada o mais cedo possível e que seja lecionada nas escolas, inclusive incluir a educação financeira no currículo do ensino escolar seria uma política justa e efetiva, visto que essa educação é um processo de aprendizado longo. Ensinar educação financeira desde cedo permitirá que as crianças adquiram o conhecimento e as habilidades para construir um comportamento financeiro responsável com o passar dos anos. (OECD, 2019).

O valor da educação financeira é benéfico para os indivíduos no sentido de que é necessário elaborar planejamentos financeiros e fazer investimentos estratégicos contribuindo em suas decisões, logo, auxiliam para uma adequada utilização dos recursos financeiros disponíveis aos indivíduos (GREENSPAN, 2002).

Adotar a educação financeira desde a infância é uma necessidade para ajudar os indivíduos e conscientizá-los a ter responsabilidade de administrar suas próprias finanças (Bernheim & Garrett, 2001). Os pais e a escola seriam os principais agentes propagadores na formação em educação financeira dos estudantes do ensino médio, uma vez que, nessa fase da vida, os jovens estão tendo o primeiro contato com seu próprio dinheiro, levando em conta que muitos começam a trabalhar ou estagiar nesse período, e ainda estão desenvolvendo uma formação para a construção de um adulto consciente quanto ao controle de suas finanças (Gorla et al, 2016).

Remund (2010) afirma que não basta o indivíduo deter o conhecimento sobre conceitos financeiros, ele precisa também ter confiança suficiente e saber onde aplicar seus investimentos, pois cada investimento possui um risco, e esse aprendizado irá auxiliar na tomada de decisões financeiras e administrar questões de planejamento financeiro pessoal.

As instituições de ensino deveriam trabalhar com temas que auxiliem o futuro cidadão a entender e gerenciar suas necessidades rotineiras, porém assuntos como comércio, economia, impostos e finanças não são suficientemente (Martins, 2004). Essa função seria exercida, sobretudo, pela rede pública de ensino, que abrange toda a população (Oehler & Werner, 2008; Bessa et al., 2014).

O termo finanças, conforme Gitman (2010), pode ser definido como a arte e a ciência de administrar o dinheiro. Ou seja, o processo de como as pessoas jurídicas e pessoas físicas ganham, gastam e investem os seus recursos monetários, sejam elas de forma consciente ou não.

Segundo Filho (2003), apresenta como conceitos básicos de finanças pessoais a realização de uma poupança, as alternativas de investimentos e seus riscos e o perfil do investidor. Para o autor os princípios de finanças pessoais devem ser de conhecimento de todos e não somente de especialistas da área financeira, pois você precisa saber se os especialistas estão agindo de boa-fé ou da forma que você realmente deseja, se for o caso.

Segundo Foulks e Graci (1989), os estudos em finanças pessoais objetivam trabalhar os conceitos financeiros que possibilitem a transmissão de conhecimentos aos indivíduos, para que eles os apliquem em suas tomadas de decisão. Dessa forma, as finanças pessoais são um conhecimento necessário para que os indivíduos consigam tomar suas decisões com base nos conceitos financeiros.

Black Jr, Ciccotello e Skipper (2002), citam que as finanças pessoais têm por objeto de estudo e análise as condições de financiamento das aquisições de bens e serviços necessários à satisfação das necessidades individuais. Considerando que os indivíduos em sua grande maioria gostam de satisfazer os desejos com aquisições de bens ou serviços, e grande parte dessas pessoas não possuem o mínimo de conhecimento financeiro necessário para adquirir um financiamento, por exemplo.

Segundo Gilligan (2012), os indivíduos devem estar preparados para cuidar de suas finanças antes mesmo de entrar para o ensino superior, já que geralmente é nessa época que eles entram para o mercado de trabalho e começam a construir uma vida financeira, e planejar adquirir seus bens.

Halfeld (2006) presume uma reserva igual a seis vezes a sua renda, seria o suficiente para cobrir algumas surpresas. Algumas literaturas explicam que seis meses é o ideal por considerar possível sobreviver durante metade de um ano sem nenhuma entrada de dinheiro em caixa, prevendo uma tempestade que não dure mais de seis meses. Contudo outros autores presumem uma reserva de emergência de pelo menos três vezes as suas despesas fixas, para que cubra qualquer tipo de imprevisto durante três meses.

Para Halfeld (2006), a estratégia ideal é colocar o dinheiro trabalhando para você. Onde as opções de financiamentos de longos prazos com altas taxas de juros devem ser extintas de suas opções de compra. Desse modo, os indivíduos devem possuir educação financeira necessária para saber escolher a melhor forma de investir seu dinheiro e conseguir grandes retornos.

2.2 Planejamento financeiro e estudos realizados

O planejamento financeiro é o processo formal que conduz o acompanhamento das diretrizes de mudanças e a revisão, quando necessário, das metas já estabelecidas. O planejamento financeiro é essencial para um bom resultado financeiro, que contribui para que metas sejam alcançadas (ROSS; WESTERFIELD; JAFFE, 1995).

Macedo Junior (2010, p. 26) conceitua planejamento financeiro como sendo o “processo de gerenciar seu dinheiro com o objetivo de atingir a satisfação pessoal”. Para Frankenberg (2000), planejamento financeiro pessoal consiste em seguir uma estratégia precisa, deliberada e dirigida podendo estar voltada para curto, médio ou longo prazo. O indivíduo é movido por suas satisfações pessoais, como compra de: carros, casas, terrenos, televisões, celulares, entre outros, e com um planejamento certo é possível conseguir isso sem se endividar.

Em cada dez brasileiros, apenas um tem renda suficiente para pagar despesas de início de ano. Com o início do ano, vem também várias despesas sazonais como IPTU, IPVA e materiais escolares, a pesquisa também mostra que 22% dos entrevistados não se planejaram para pagar esses compromissos de início de ano. Também foi identificado que o brasileiro que parcelou suas compras natalinas vai terminar de pagar essas prestações somente no mês de abril, o que sinaliza um orçamento comprometido para além do primeiro trimestre do ano. (CNDL/SPC Brasil, 2020).

De acordo com Frankenberg (1999), o planejamento financeiro pessoal não é algo intangível, muito menos estático ou rígido, pelo contrário, é um plano que as pessoas fazem de acordo com os seus valores e objetivos, almeja-se assim alcançar determinadas aspirações. Dessa forma, observa-se a importância das finanças pessoais em sua tomada de decisão, tudo que envolva valores monetários precisa ter o toque de finanças pessoais.

Frankenberg (1999) corrobora com a ideia ao evidenciar que o planejamento financeiro pessoal tem objetivos semelhantes aos das empresas, pois ambos buscam crescimento de seus respectivos patrimônios, geração de riqueza para os acionistas, assim como para o indivíduo e sua família. Assim, tanto o planejamento financeiro empresarial, quanto o pessoal são divididos em diferentes etapas que levam ao mesmo objetivo, que é o seu crescimento.

O planejamento é importante para garantir o conforto financeiro e a manutenção das necessidades fisiológicas frente às adversidades que podem ocorrer no curto prazo, como o desemprego (Giaretta, 2011). Esse é um grande ponto de partida, como as finanças pessoais e o planejamento financeiro andam lado a lado, os indivíduos que possuem um planejamento de obter por exemplo, uma reserva de emergência já conseguem uma certa estabilidade para resolver seus problemas com um pouco mais de tempo.

Culturalmente, o planejamento financeiro é pouco adotado no Brasil. O histórico de inflação elevada e de remarcações diárias de preço fez com que os brasileiros habitua-se a utilizar todos os seus recursos ainda no começo do mês, a fim de garantir a subsistência da família por um período maior de tempo. Essa linha de pensamento dos brasileiros nos momentos atuais se torna totalmente equivocada, pois com o decorrer do tempo pode acontecer qualquer tipo de imprevisto, assim, acabando sem recursos para lidar com esse tipo de situação (Halles et al., 2008).

Peng et al. (2007) buscaram identificar o impacto da educação financeira nos ensinos médio e superior. Os autores aplicaram um questionário a 1.039 estudantes matriculados em uma universidade localizada no Centro-Oeste dos Estados Unidos, englobando questões sobre experiência financeira, participação em educação financeira, renda e características demográficas.

Os resultados permitiram inferir que não havia relação significativa entre a educação financeira no ensino médio e o conhecimento sobre investimentos. Porém, a realização de disciplinas relacionadas às finanças pessoais no ensino superior foi associada a níveis mais altos de conhecimento sobre investimentos.

Amadeu (2009) realizou um estudo com estudantes da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), no qual analisou os conhecimentos sobre educação financeira dos alunos dos Cursos de Matemática, Ciências Contábeis, Economia e Administração. Por meio dos resultados encontrados, foi possível observar que os discentes dos cursos que tinham em sua grade curricular maior carga horária de disciplinas na área financeira responderam com mais segurança às perguntas relacionadas a finanças, em comparação àqueles matriculados em cursos com menor carga horária de disciplinas similares. Diante desses resultados, Amadeu (2009) propõe a inserção da disciplina de Educação Financeira na grade curricular, como forma de preparar os estudantes para a tomada de decisões cotidianas e melhorar o desenvolvimento pessoal e profissional dos alunos.

Segundo Sales (2019), que realizou uma pesquisa no curso de ciências contábeis da UnB, onde foram coletados e utilizados um total de 302 questionários, o resultado obtido quanto à noção do tema finanças pessoais e educação financeira foram bons, ao se analisar o nível de conhecimento que cada estudante atribuiu a si mesmo, notou-se que 74,5% classificaram-se com um conhecimento razoável (3) para excelente (5). No entanto, menos da metade dos estudantes informaram que investem, e dos que investem, mais da metade o faz na poupança, que não é muito rentável, o que demonstra um certo desconhecimento sobre o tema. Verificou-se também que uma pequena parte dos estudantes se considera endividado (22,85%), e o maior causador é a dívida do cartão de crédito.

Carvalho e Scholz (2019) concluíram em sua pesquisa a importância do conhecimento em educação financeira nos currículos de cursos brasileiros de ensino médio e fundamental e o vínculo desse assunto na disciplina de matemática. Entretanto, observaram uma ausência significativa desse conhecimento na amostra estudada.

Andrade e Lucena (2018) verificaram existir relação entre o nível de educação financeira e o comportamento financeiro de discentes de graduação em Ciências Contábeis, Pedagogia, Biologia, História, Música e Serviço Social.

Savoia, Saito e Santana (2007) perceberam uma reduzida capacitação financeira dos agentes públicos e privados no programa de educação financeira brasileiro, destacando o papel das instituições de ensino para uma melhor formação da sociedade nesse assunto.

3. Procedimentos metodológicos

O estudo teve o objetivo de analisar o perfil dos estudantes no ensino superior, saber o grau de conhecimento em educação financeira, se possuem algum tipo de investimento, e quantas pessoas buscam ter conhecimento em finanças pessoais independentemente do curso.

Segundo Sampieri, Collado e Lucio (2013, p. 30), pesquisa é um “conjunto de processos

sistemáticos, críticos e empíricos aplicados no estudo de um fenômeno”. Para alcançar o objetivo apresentado por este estudo, foi realizada uma pesquisa descritiva, que teve por objetivo descrever as características de determinada população (GIL, 2010). Por meio dos dados coletados com a pesquisa, foi possível descrever características referentes ao perfil financeiro dos alunos pesquisados, como eles se planejam financeiramente e se possuem algum tipo de investimento.

Para a realização da pesquisa foi utilizado como instrumento de coleta de dados um questionário eletrônico, de 27 questões, disponível aos respondentes através da plataforma digital Microsoft Forms. O questionário foi enviado por correio eletrônico (e-mail) para os discentes e disponibilizado em redes sociais. Ficando disponível para os respondentes do dia 11/07/2021 ao dia 08/09/2021. Foram coletadas 383 respostas, sendo que 2 pessoas não continuaram o questionário.

O estudo também utilizou como procedimento a pesquisa bibliográfica, com o objetivo de reunir as informações e dados que servirão de base para a análise, coletando informações de outros estudos, pesquisas, publicações e dissertações sobre o tema de finanças pessoais, comportamentais, educação financeira e planejamento financeiro.

3.2 Amostra e coleta de dados

A amostra desta pesquisa é composta pelos estudantes de graduação da Universidade de Brasília (UnB). Para a coleta de dados, foi aplicado um questionário para os alunos de graduação da UnB. O questionário foi elaborado com o suporte do referencial teórico e de pesquisas acadêmicas sobre educação financeira, com auxílio do SPC Brasil, Sebrae, CNLD e ENEF.

Considerando o anuário estatístico da UnB de 2020, em 2019 a população universitária da UnB de alunos de graduação foi de 39.699. Com base nesses números, para se ter uma amostra confiável com grau de confiança de 95% e margem de erro de 5%, foi utilizada a seguinte fórmula:

$$\text{Tamanho da amostra} = \frac{z^2 \times p(1-p)}{e^2} \div \left(1 + \left(\frac{z^2 \times p(1-p)}{e^2 N} \right) \right)$$

N = tamanho da população

e = margem de erro (porcentagem no formato decimal)

z = escore z

O escore Z corresponde ao número de desvios padrão entre determinada proporção e a média.

O tamanho da amostra para se ter uma amostra confiável de 95% e margem de erro de 5%, foi de pelo menos 381 respostas.

As variáveis abordadas foram o gênero, o nível de escolaridade, o curso de formação, se o respondente possui renda, em qual faixa de renda ele se encaixa e quais são os meios utilizados para poupar, e por fim, a significância da educação financeira.

Os dados foram tabulados e analisados utilizando o Microsoft Excel. A fim de responder o problema de pesquisa, os resultados do questionário, que mensura a educação financeira dos respondentes, foram confrontados com seus respectivos cursos, gêneros e grau de conhecimento, relacionados ao comportamento de risco e ao endividamento, respectivamente.

4. Apresentação e Análise dos Resultados

“Na primeira etapa as questões buscam identificar as características socioeconômicas como: gênero, idade, estado civil, curso, qual semestre está cursando, com quem moram, se exercem alguma atividade remunerada e renda, e em seguida, é aferido o grau de Educação Financeira dos participantes no que diz respeito ao comportamento quanto às decisões de consumo e investimentos.

No que diz respeito às questões de Educação financeira, também é avaliado o nível de endividamento dos estudantes da UnB fazendo-se a conciliação entre ambos.

4.1. Perfil pessoal

Os primeiros dados buscaram determinar o perfil pessoal dos estudantes da UnB, visto que tais dados interferem diretamente nas decisões dos indivíduos. Com isso, a primeira etapa foi a conciliação entre a faixa etária e o gênero. Os dados da tabela 1, buscam fazer uma correlação entre a faixa etária o gênero dos estudantes, determinando qual a maioria em questão de sexo, e respectivamente na faixa etária.

Tabela 1: Correlação entre faixa etária e gênero

Faixa etária	Masculino	M (%)	Feminino	F (%)	NI	I (%)	Total	Total(%)
Abaixo de 20 anos	21	13,46%	24	11,16%	3	30,0%	48	12,60%
de 20 a 25 anos	106	67,95%	166	77,21%	7	70,0%	279	73,23%
de 26 a 30 anos	15	9,62%	16	7,44%	0	0,0%	31	8,14%
de 31 a 40 anos	8	5,13%	6	2,79%	0	0,0%	14	3,67%
de 41 a 50 anos	2	1,28%	2	0,93%	0	0,0%	4	1,05%
Acima de 51 anos	4	2,56%	1	0,47%	0	0,0%	5	1,31%
Total	156	40,94%	215	56,43%	10	2,62%	381	100,00%

Fonte: Dados da pesquisa

A amostra foi composta por 381 estudantes da UnB, verifica-se que na Tabela 1, 40,94% são do sexo masculino, 56,43% do feminino e 2,62% não quis se identificar. Constata-se que na faixa etária, em sua grande maioria se encontra na faixa de 20 a 25 anos com 73,23% dos estudantes e os demais ficaram distribuídos em: 12,60% abaixo de 20 anos, 8,14% de 26 a 30 anos, 3,67% de 31 a 40 anos, 1,05% de 41 a 50 anos, e 1,31% acima de 51 anos.

Os dados apresentados na Tabela 2 que se encontra no Anexo I, buscam relacionar os cursos e seus respectivos semestres, esses dados contribuem na tomada de decisões e seu grau de conhecimento em educação financeira.

A pesquisa como um todo teve o objetivo de chegar na maior parte dos cursos da UnB e atingir o maior número de estudantes, dessa maneira a pesquisa atingiu 40 cursos da UnB. Observa-se que, 16,3% são alunos de Ciências Contábeis, 10,8% de Arquivologia, 8,9% de Administração, 5,5% de Matemática, 5,2% Ciências Políticas, 4,7% de Direito, estes 6 cursos equivalem a 51,4% da pesquisa.

Os dados apresentados na tabela 3, buscam identificar o estado civil dos estudantes e com quem moram, trazendo uma descrição melhor para os dados que foram identificados na construção da pesquisa.

Tabela 3: Correlação entre o estado civil e com quem reside.

Estado civil	Com quem mora	Total por estado
--------------	---------------	------------------

	Pais	Irmãos	Avós	Cônjuge Companheiro(a)	Amigos	Sozinho	Outros	civil
Solteiro(a)	74,6%	5,4%	4,8%	1,7%	2,5%	7,1%	4,0%	354
Casado(a) / União Estável	-	-	-	95,8%	-	-	4,2%	24
Separado(a) / Divorciado(a)	33,3%	-	-	-	-	66,7%	-	3
Total com quem mora	288	19	17	6	9	27	15	381

Fonte: Dados da pesquisa

Em relação ao estado civil, 354 estudantes são solteiros, 24 são casados ou mantêm uma união estável, e apenas 3 são separados ou divorciados. Quando se relaciona estado civil com quem mora, dos 354 estudantes solteiros 74,6% moram com os pais e 7,1% mora sozinho(a), dos 24 casados ou que mantêm uma união estável 95,8 moram com seus respectivos cônjuges/companheiros(a), dos 3 separados ou divorciados 66,7% moram sozinhos(as) e 33,3% moram com os pais.

A atividade remunerada e a renda mensal pessoal também foram um dos pontos essenciais do questionário. Na tabela 4 é apresentada uma relação entre atividade remunerada e a renda mensal pessoal.

Tabela 4: Atividade remunerada e renda mensal pessoal

Atividade remunerada	Renda mensal pessoal (R\$)						Quantidade de estudantes por atividade
	Até 500,00	de 500,01 a 1.500,00	de 1.500,01 a 2.500,00	de 2.500,01 a 3.500,00	de 3.500,01 a 4.500,00	Acima de 4.500,01	
Não	74,7%	15,8%	4,2%	3,2%	1,1%	1,1%	95
Estagiário	1,7%	78,2%	17,2%	2,3%	0,6%	-	174
Servidor Público	-	-	15,0%	10,0%	-	75,0%	20
Trabalho (CLT)	-	12,5%	60,7%	14,3%	3,6%	8,9%	56
Trabalho informal/ Freelancer	45,0%	30,0%	5,0%	5,0%	5,0%	10,0%	20
Empresário	-	-	75,0%	-	25,0%	-	4
Outros	33,3%	41,7%	8,3%	16,7%	-	-	12
Total por renda mensal pessoal	87	169	76	20	6	23	381

Fonte: Dados da pesquisa

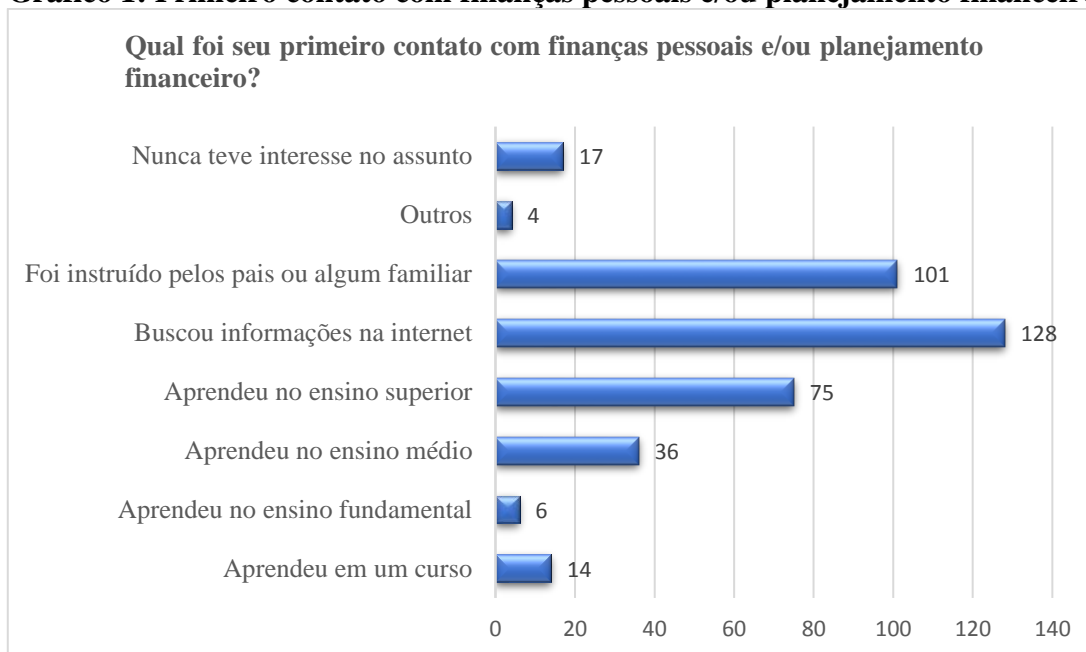
Em relação à atividade remunerada, 174 estudantes são estagiários, 95 das pessoas não possuem atividade remunerada, 56 trabalham em forma de CLT, 20 são servidores públicos, 20 trabalham de forma informal/freelancer, 12 possuem outros tipos de atividades remuneradas, e por fim, 4 são empresários.

Quando relacionado a atividade remunerada com a renda pessoal, verificou-se que dos 174 estudantes que afirmam serem estagiários 78,2% tem renda mensal pessoal de R\$ 500,01 a R\$ 1.500,00; dos 95 estudantes que afirmam não ter atividade remunerada 74,7% têm renda mensal pessoal de até R\$ 500,00; dos 56 estudantes que trabalham em forma de CLT 60,7% possuem renda de R\$ 1.500,01 a R\$ 2.500,00; dos 20 estudantes que afirmam serem servidores públicos 75% possuem renda acima de R\$ 4.500,01; 20 pessoas que disseram trabalhar de forma informal ou freelancer 45% delas possuem renda de até R\$ 500,00; 12 estudantes afirmaram ter outros tipos de atividade remunerada 41,7% possuem renda de R\$ 500,01 a R\$ 1.500,00; e por fim, 4 afirmam serem empresários e 75% possuem renda de R\$ 1.500,01 a R\$ 2.500,00.

4.2. Perfil financeiro

Após a descrição dos questionamentos a respeito do perfil pessoal dos estudantes, tem-se a descrição dos questionamentos a respeito do perfil financeiro dos estudantes. Dessa forma, iniciamos essa etapa com o gráfico 1 questionando a respeito de quando foi o primeiro contato com finanças pessoais e/ou planejamento financeiro.

Gráfico 1: Primeiro contato com finanças pessoais e/ou planejamento financeiro



Fonte: Dados da pesquisa

Analisando o gráfico acima, percebe-se que 128 estudantes afirmaram que tiveram contato com o tema após ter buscado informações na internet, e em seguida 101 estudantes apontaram que seu primeiro contato com finanças foi quando foram instruídos pelos pais ou algum familiar, 75 estudantes apontaram ter aprendido no ensino superior, 36 estudantes no ensino médio, 17 estudantes nunca tiveram interesse no assunto, 14 estudantes aprenderam em um curso, e apenas 6 aprenderam no ensino fundamental e, por fim, 4 pessoas alegaram ter sido de outras formas com: livros, no primeiro trabalho, aprendeu empreendendo, e não aprendeu.

Segundo Gorla (2016), os pais e a escola têm um papel fundamental na formação em educação financeira dos estudantes do ensino médio, uma vez que, nessa fase da vida, os jovens estão tendo seu primeiro contato com o seu próprio dinheiro, posto isso, podemos observar que o número de pessoas que afirmam terem sido instruídas pelos pais é bastante expressivo, mas quando

observamos a questão do ensino médio ainda é um número muito baixo, considerando a importância desses fatores na vida dos jovens.

Percebe-se que o número de pessoas que buscaram informações na internet é bastante significativo, isso mostra que as pessoas não possuem muita educação financeira em seus ensinos básicos, como o fundamental e médio, que possuem apenas 6 e 36 estudantes respectivamente que aprenderam no ensino básico, logo, buscam esse estudo por conta própria. Verificou-se que apenas 14 estudantes buscaram algum curso, o que ainda é um número consideravelmente baixo.

Fazendo um comparativo com o estudo da Sales (2019), que realizou esse estudo apenas com estudantes de Ciências Contábeis da UnB, podemos observar que quando englobamos mais cursos da UnB o resultado mostrou-se na mesma ordem, com os estudantes afirmando que buscaram informações na internet, em primeiro, em segundo foram instruídos pelos pais, e em terceiro que aprendeu no ensino superior.

A tabela 5 demonstra a frequência do controle financeiro dos estudantes, a fim de identificar se os estudantes possuem uma preocupação com seus gastos.

Tabela 5: Frequência de realização de controle financeiro

Controle financeiro	Quantidade de estudantes	%
Não controla suas finanças	31	8,14%
Diariamente	54	14,17%
Semanalmente	108	28,35%
Mensalmente	145	38,06%
Raramente	43	11,29%
TOTAL	381	100,00%

Fonte: Dados da pesquisa

Verificou-se que, 38,06% fazem esse controle mensalmente, 28,35% fazem o controle semanalmente, 14,17% controla suas finanças diariamente, 11,29% controla suas finanças raramente, e, por fim, 8,14% não controla suas finanças, averiguou-se que desses 8,14% que não controlam suas finanças, mais da metade não controla pois não possui nenhum tipo de renda. Percebe-se que a maioria dos estudantes fazem o controle mensalmente, poucas pessoas fazem esse tipo de controle diariamente, e o número de pessoas que fazem esse controle raramente é bem alarmante, pois isso demonstra que não se preocupam muito com os seus gastos.

Em contrapartida, 50,13% dos estudantes realizam esse controle por aplicativos de celular, por ser uma maneira mais versátil de lembrar e mais ágil de registrar os gastos, 43,67% realiza esse controle por meio de planilhas, 28,61% fazem esse controle por meio de caderno, isso mostra que, apesar de se tratar de jovens, em sua maioria, ainda sim muitos utilizam meios antigos de registrar seus gastos, 8,14% dos estudantes marcaram outra forma de controlar suas finanças, sendo a maioria delas ser “de cabeça”, por não possuir renda ou por ter uma renda muito baixa e não necessitar de outras maneiras, e apenas 2,36% possui alguma pessoa para controlar suas finanças.

Segundo Wisniewski (2011), o uso de ferramentas básicas da educação financeira para a gestão de finanças pessoais contribui para a prática de economizar, sendo assim, quanto mais os discentes possuem esse controle, mais chances têm de economizar e investir em algum segmento rentável.

Buscando saber sobre os tipos de investimentos dos estudantes, foi realizado o questionamento quanto ao comportamento dos estudantes em relação aos tipos de investimentos, na tabela 6 está descrito quais são os tipos de investimentos.

Tabela 6: Tipos de investimentos

Investimentos	Quantidade de estudantes	%
----------------------	---------------------------------	----------

Poupança	229	60,10%
Títulos públicos	41	10,76%
Previdência complementar	13	3,41%
Renda fixa	110	28,87%
Fundos de investimentos	38	9,97%
Renda variável	58	15,22%
Criptomoedas	30	7,87%
Outros	67	17,59%

Fonte: Dados da pesquisa

Ao serem questionados se faziam algum tipo de investimento e quais, 60,10% informaram que aplicam seu dinheiro em poupança; outros 28,87% investem em renda fixa; 17,59% dos estudantes informaram “Outros”, foi apurado que dos 67 estudantes que marcaram a opção “Outros”, 60 descreveram que não fazem nenhum tipo de investimento; 9,97% afirmaram investir em fundos de investimentos; 7,87% investem em criptomoedas; e por fim, 3,41% informaram investir em previdência complementar.

Ao analisar a tabela, pode-se identificar que a grande maioria dos estudantes ainda investe em poupança, demonstrando não conhecer muito sobre os outros investimentos e o quão rentável pode ser, diferentemente da poupança. Outro detalhe importante, é que em alguns casos o rendimento na poupança pode ser até menor que a inflação atual, perdendo seu poder de compra e criando a sensação equivocada de que está ganhando investindo seu dinheiro na poupança. Outro dado importante foi a quantidade de pessoas que ainda não investem, mesmo identificando que 23 das 60 pessoas não possuem renda, 37 ainda é um número muito significativo.

Segundo Sales (2019), em sua pesquisa foi utilizado apenas discentes do curso de Ciências Contábeis, a maioria ainda investe na poupança e quando englobamos mais cursos da UnB, podemos detectar que os demais estudantes de outros cursos também insistem em investir em poupança, o que apenas demonstra a falta de educação financeira e de conhecimento em outros tipos de investimentos dos alunos da UnB.

No que se refere ao percentual que os estudantes costumam poupar da sua renda mensal, 56,96% dos estudantes afirmam poupar cerca de 0% a 20%, outros 18,64% conseguem poupar cerca de 21% a 40%, logo em seguida, 9,19% afirmaram poupar de 41% a 60%, 1,57% dos estudantes pouparam 61% a 80%, 4,20% conseguem poupar de 81% a 100%, e por fim 9,35% não pouparam.

Podemos identificar que das 36 pessoas que não pouparam, 19 não possui atividade remunerada, e conseqüentemente não possui renda. Um outro dado importante foi que, dos estudantes que pouparam de 81% a 100%, 9 de 16 fazem investimentos na poupança, que como vimos, pode ser prejudicial quanto ao rendimento, e até mesmo desvalorizando os valores monetários que foram poupados conforme a inflação.

Na tabela 7, é apresentado a quantidade de cartões de crédito que cada estudante possui, informação de bastante significância para verificar a forma em que cada um realiza suas compras e o controle pessoal destes. O cartão de crédito é um dos produtos bancários mais utilizado e um dos maiores causadores de dívidas e descontrole financeiro, o que causa o endividamento das famílias, conforme a PEIC de março de 2021 da CNC.

Tabela 7: Quantidade de cartões de crédito

Cartões de crédito	Quantidade de estudantes	%
1	201	52,76%
2	78	20,47%
3	19	4,99%
4 ou mais	12	3,15%

Não possui	71	18,64%
------------	----	--------

Fonte: Dados da pesquisa

Com base nos dados analisados, 52,76% das pessoas possuem apenas 1 cartão de crédito; 20,47% possuem 2 cartões de crédito; 18,64% não possuem cartões de crédito; 4,99% dos estudantes possuem 3 cartões, e por fim 3,15% possuem 4 ou mais cartões de crédito.

Verifica-se que, uma boa quantidade de pessoas não aderiu ao cartão de crédito, o que é um número bem interessante, pois na atualidade grande parte das pessoas só fazem compras com cartão de crédito. Um outro número que chama atenção, é a quantidade de estudantes que possuem mais de 3 cartões de crédito, isso leva a conclusão que possivelmente estas pessoas tenham um descontrole financeiro, por ter que gerir muitos cartões de crédito ou pelo fato de precisar dessa quantidade de cartões de crédito.

Com base na PEIC de março de 2021, que afirma que 80,3% das famílias utilizam o cartão de crédito como principal modalidade de dívida, podemos relacionar com a porcentagem de estudantes que dizem possuir cartão de crédito, que são exatamente 81,36%, assim, pode-se dizer que grande parte das pessoas que aderem ao cartão de crédito, acabam transformando esse crédito em uma dívida a longo prazo.

Outro dado muito importante é, quanto da renda dos estudantes está comprometida com despesas fixas. Podemos observar isso na tabela 8, que identifica qual percentual dos estudantes estão comprometidos com despesas fixas.

Tabela 8: Comprometimento da renda com despesas fixas

Despesas fixas	Quantidade de estudantes	%
0% a 20%	183	48,03%
21% a 40%	100	26,25%
41% a 60%	60	15,75%
61% a 80%	26	6,82%
81% a 100%	12	3,15%
TOTAL	381	100%

Fonte: Dados da pesquisa

Verifica-se que com base nos dados da tabela 8, grande parte dos estudantes possuem despesas fixas de 0% a 20%, outros 26,25% tem despesas fixas de 21% a 40%, 15,75% afirmam ter despesas fixas entre 41% a 60%, 6,82% afirmam ter despesas fixas de 61% a 80%, e por fim 3,15% afirmam ter despesas fixas de 81% a 100%.

Dos 183 estudantes que afirmam ter despesas fixas de 0% a 20%, 145 ainda moram com os pais, acredita-se que pelo fato de não precisar arcar com tantas despesas da casa e pelo fato dos pais ajudarem, eles tendem a gastar menos. Já em relação às pessoas que já saíram das casas dos pais, ainda assim quando observamos quem possui despesas fixas de 81% a 100%, os estudantes que moram com os pais ainda levam a maioria, que seria 8 de 12, isso mostra que alguns estudantes ou ajudam os pais com as despesas de casa, ou realmente não tem uma boa educação financeira, pois dos 8 estudantes, 6 utilizam cartão de crédito e 3 fazem compras a prazo.

Black Jr, Ciccotello e Skipper (2002), citam que as finanças pessoais têm por objeto de estudo e análise as condições de financiamento das aquisições de bens e serviços necessários à satisfação das necessidades individuais, tendo em consideração que os indivíduos prezam pela satisfação de bens e serviços, grande parte não possui um conhecimento financeiro para adquirir um financiamento, por exemplo.

O próximo fator a ser analisado é de como os estudantes pagam suas dívidas, esses resultados são evidenciados por meio da tabela 9.

Tabela 9: Como os estudantes pagam suas dívidas

Geralmente pagam suas dívidas	Quantidade de estudantes	Total (%)
Antecipadamente	102	26,77%
Em dia	215	56,43%
Em atraso	5	1,31%
Não possuo	59	15,49%
TOTAL	381	100,00%

Fonte: Dados da pesquisa

Conforme a tabela 9, podemos identificar como os estudantes fazem o pagamento de suas dívidas, assim 56,43% dos estudantes afirmam pagar suas dívidas em dia, 26,77% afirmam pagar antecipadamente, 15,49% não possuem dívidas, e por fim apenas 1,31% pagam suas dívidas em atraso. Dos 35 estudantes que afirmaram serem endividados, 30 dizem pagar suas dívidas em dia ou antecipadamente, e apenas 5 pagam suas dívidas em atraso.

Questionou-se se os estudantes se consideravam endividados, ou se já foram, e com o intuito de realizar uma demonstração, foi criada a tabela 10 com os dados citados.

Tabela 10: Relação entre endividados e os que já foram

Perfil de endividamento dos estudantes	Sim	Não
Se considera endividado	8,92%	91,08%
Já foi endividado	35,70%	64,30%

Fonte: Dados da pesquisa

Com relação a esses dados, foi identificado que 8,62% dos estudantes se consideram endividados, enquanto 91,08% não se consideram endividados. Em contrapartida 35,70% já foram endividados e 64,30% afirmaram nunca ter sido endividados.

Um detalhe importante é que, dos 30 que se consideram endividados, 23 possuem idade de 20 a 25 anos, dos 30 que se consideram endividados, todos possuem cartão de crédito, e dos 119 estudantes que já foram endividados, apenas 11 não possuem cartão de crédito. Isso confirma que quanto mais linha de crédito, mais as pessoas tendem a se endividar e perder o controle de suas finanças, o que corrobora com a ideia de que essas pessoas não possuem a educação financeira mínima necessária para administrar suas finanças.

Associando com a pesquisa de Sales (2019), podemos identificar que o número de pessoas que se consideram endividadas reduz bastante quando englobamos os diversos cursos da UnB, mas ainda assim é um número bastante considerável quando observado a questão dos estudantes que já foram endividados.

Conciliando com a pesquisa realizada pelo CNDL e SPC Brasil (2020), pode-se observar que os brasileiros costumam parcelar suas dívidas sem se preocupar com as demais despesas sazonais, como por exemplo, as despesas de início de ano. Assim, os estudantes que já foram endividados ou ainda são, possuem esse tipo de costume, de não se planejar com as despesas que virão.

Das 119 pessoas que afirmaram já ter sido endividadas, 56 são do sexo masculino enquanto 61 são do sexo feminino. Isso mostra que ambos estão equivalentes, em questão de compras desnecessárias 36,5% são do gênero masculino e afirmaram ter feito compras desnecessárias nos últimos 7 dias, enquanto 35,8% das mulheres também fizeram compras desnecessárias nos últimos 7 dias, quebrando o tabu de que as mulheres gastam mais que os homens, já que a pesquisa trouxe quase que uma igualdade entre os gêneros.

Com isso, e relacionando com a pesquisa de Chen e Volpe (1998, 2002) que apesar de não ser um consenso, alguns estudos mostram que o gênero feminino comparativamente tem menor educação financeira, podemos identificar na atual pesquisa que não possui essa distinção e sim um

equilíbrio, em algumas vezes o sexo masculino retrata ter menor conhecimento financeiro e maior descontrole, mas ainda é algo muito superficial.

Com a intenção de identificar como os estudantes realizam suas compras, para complementar o perfil financeiro, foi elaborada a tabela 11.

Tabela 11: Como os estudantes realizam suas compras

Compra por:	Quantidade de estudantes	%
Planejou com antecedência	241	63,25%
Por necessidade	306	80,31%
Está na promoção	183	48,03%
Compra por vontade	207	54,33%

Fonte: Dados da pesquisa

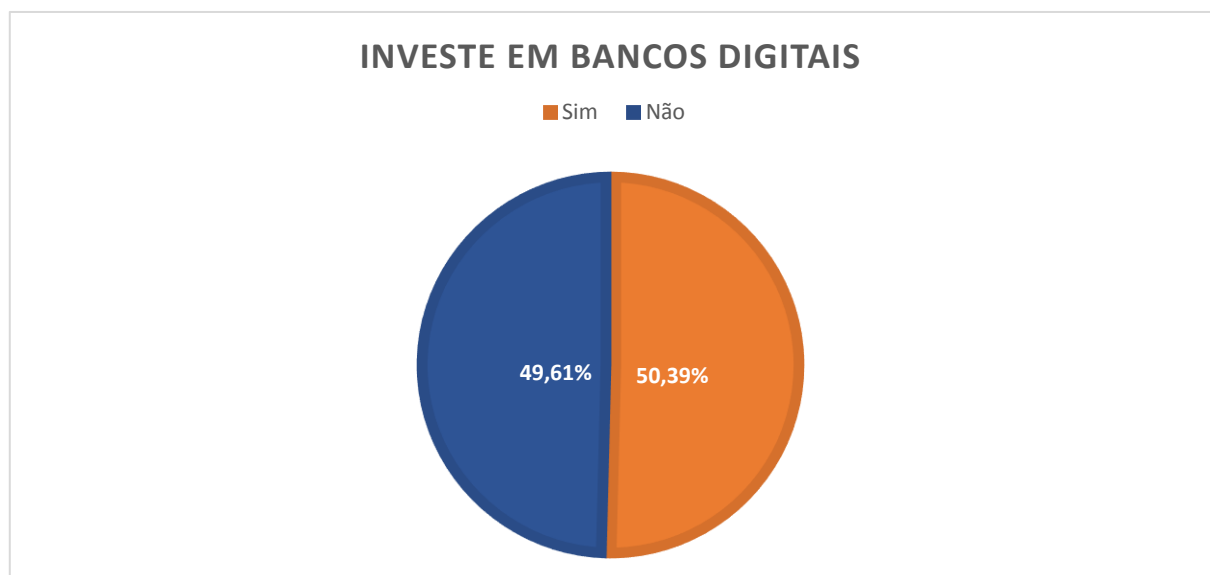
Com base na pesquisa, foi identificado que 80,31% compram por necessidade, outros 63,25% planejam suas compras com antecedência, 54,33% compram porque sentem vontade, e 48,03% compram porque está na promoção.

Analisando os dados, e confrontando com as pessoas que se consideram endividadas, foi identificado que das 34 pessoas que afirmaram serem endividadas, 22 delas compram por vontade, o que está relacionado diretamente com o seu endividamento, em questão de não ter um controle financeiro. O percentual de estudantes que planejam com antecedência suas compras é bem interessante, mostra que boa parte dos estudantes tem o costume de se planejar e escolher a melhor forma e quando fazer a compra, para que encaixe no seu orçamento.

Macedo Junior (2010, p. 26) considera o planejamento financeiro como sendo o “processo de gerenciar seu dinheiro com o objetivo de atingir a satisfação pessoal”. Para Frankenberg (2000), planejamento financeiro pessoal consiste em seguir uma estratégia precisa, deliberada e dirigida podendo estar direcionada para curto, médio ou longo prazo. Com isso, para se ter uma vida estável com conforto financeiro, é recomendável possuir um planejamento, e o que podemos observar é que grande parte dos estudantes planejam antes de fazer uma compra, isso demonstra que possuem um bom planejamento financeiro acerca de suas compras.

Também foi questionado se os estudantes investem em bancos digitais, demonstrado no gráfico 2 a seguir:

Gráfico 2: Quantidade de estudantes que investem em bancos digitais



Fonte: Dados da pesquisa

Quando perguntado se os estudantes investem em bancos digitais, 50,39% dos estudantes

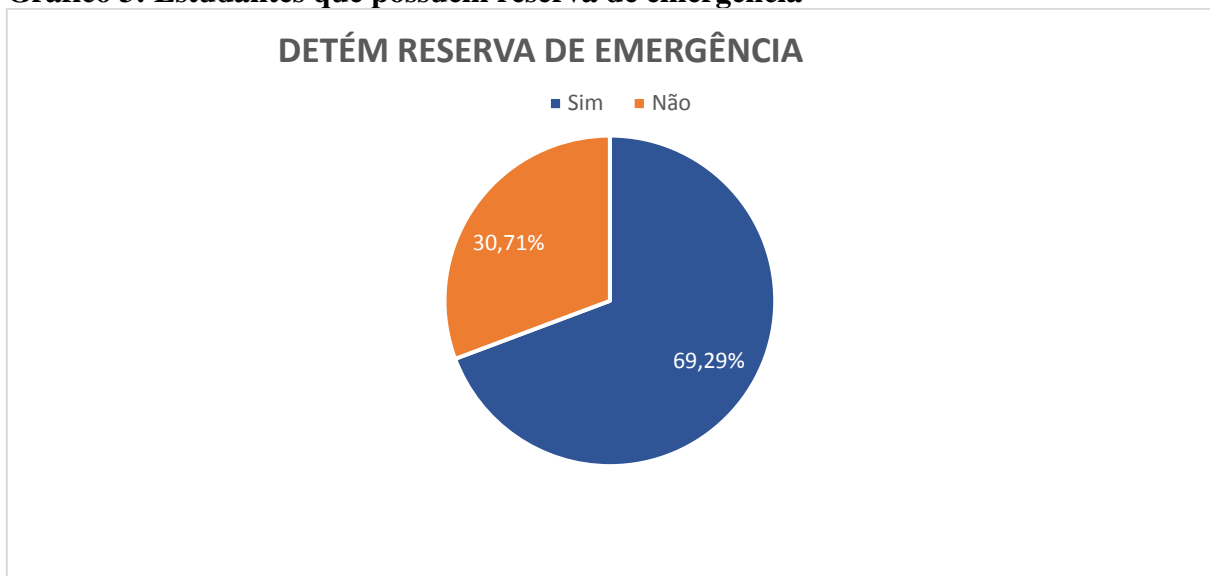
afirmaram que sim e outros 49,61% afirmaram que não. Essa é uma tendência que vem crescendo e fazendo com que os bancos tradicionais acabem ficando para trás, com as tecnologias e inovações que vem surgindo.

Com o passar do tempo as pessoas buscam cada vez mais praticidade, obrigando os bancos a se atualizarem e buscar mais inovações, com isso, nos dias atuais é observado que as pessoas não gostam de sair para resolver assuntos burocráticos e pegar filas em bancos cheios, e com a chegada de bancos digitais houve muitas mudanças nesse aspecto.

Com o aumento dos bancos digitais, também aumenta a obtenção de crédito, pois os bancos digitais trouxeram a facilitação nesse quesito, grande parte das pessoas hoje em dia possuem cartão de crédito de bancos digitais.

Foi observado que dos 192 estudantes que afirmaram que investem em bancos digitais, 175 delas possuem algum cartão de crédito, isso claramente tem impacto na obtenção de crédito por meio digital. A última pergunta desse segmento foi quanto à reserva de emergência, os dados do gráfico 3 buscam analisar se os discentes possuem uma reserva de emergência para imprevistos.

Gráfico 3: Estudantes que possuem reserva de emergência



Fonte: Dados da pesquisa

A maioria dos estudantes 69,29% possuem reserva de emergência, mas 30,71% dos estudantes afirmaram não possuir uma reserva de emergência. Esses dados mostram que grande parte dos estudantes se preocupam que aconteça algum tipo de imprevisto, já a minoria, que é um número bastante significativo, não possui algum tipo de renda para quaisquer imprevistos.

Os estudantes que afirmaram não possuir uma reserva de emergência é bastante preocupante, pois não há um meio para recorrer caso alguma coisa aconteça, desde ficar desempregados, até algum dano material que precisam urgentemente serem consertados ou substituídos.

Com relação a importância da reserva de emergência, 223 estudantes afirmaram que reserva de emergência é muito importante, enquanto 87 pessoas foram neutras e por fim, 66 pessoas consideraram a reserva de emergência pouco importante, o que só confirma que os estudantes que não possuem reserva de emergência consideram pouco importante e acham que não é necessário possuir.

O planejamento é importante para garantir o conforto financeiro e a manutenção das necessidades fisiológicas frente às adversidades que podem ocorrer no curto prazo, como o desemprego (Giaretta, 2011). Podemos afirmar que a reserva de emergência é um fator determinante para um planejamento financeiro adequado.

Segundo Halfeld (2006), deve-se ter pelo menos uma reserva igual a seis vezes a sua renda,

para cobrir qualquer tipo de surpresa. Já outros estudos afirmam que o mínimo necessário seria de três vezes as suas despesas fixas. Sendo assim, a reserva de emergência precisa ser prioridade e algo essencial para que os estudantes não sejam surpreendidos com imprevistos.

4.3. Perfil dos estudantes em relação a educação financeira

Nesse segmento, os questionamentos foram acerca da opinião dos estudantes em relação à educação financeira, buscando identificar seu perfil.

Quando questionados a respeito da afirmativa “As pessoas têm que começar a pensar e a investir na aposentadoria desde jovens.” a grande maioria concordou com a afirmativa, outros até pontuaram questões bem importantes, acerca dos jovens de hoje não possuem uma estimativa de aposentadoria pela previdência pública, outros acham injusto que os jovens tenham que ter tanta responsabilidade desde novos, com pensamentos tão complexos e que isso se torna mais difícil a depender de tanta responsabilidade, muitos também acham que é de suma importância essa orientação e educação desde o ensino básico, já alguns não concordam e dizem que as pessoas nem sabem se vão conseguir aproveitar a aposentadoria, e parte para a ideia de que é melhor pensar e viver o agora para não se arrependar posteriormente.

Com base na questão aberta e as opiniões que foram feitas, verificou-se que grande parte dos estudantes acham necessário, porém concordam que ainda falta educação financeira necessária para tal amadurecimento dos jovens, e que a previdência pública é muito instável com as várias reformas que podem vir a suceder.

Segundo Bernheim & Garrett (2001), a educação financeira deve ser aplicada desde a infância, corroborando com a ideia de que o indivíduo deve se conscientizar e ter uma responsabilidade financeira. Com isso podemos reafirmar o quão é importante a educação financeira.

Foi questionado aos discentes se a matéria de finanças pessoais deveria ser lecionada no ensino fundamental/médio para que os jovens já criem uma educação financeira, maior parte dos estudantes afirmaram que sim, que deve ser lecionada uma matéria de finanças pessoais no ensino básico, já 11 estudantes discordaram da ideia.

Pode-se identificar que os estudantes concordam com a recomendação da OECD (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), em que se deve ter uma alfabetização financeira o mais cedo possível, inclusive adotando nos currículos do ensino escolar, visto que é um processo longo de aprendizagem. Esse ensino permitirá que as crianças e adolescentes desenvolvam um comportamento financeiro responsável com o passar dos anos.

Com base nos 11 estudantes, foram identificados que os mesmos também não consideram importante se preocupar com aposentadoria tão jovens, que isso deveria ser um direito, que é um exagero, ou que depende do objetivo pessoal da pessoa.

E a última questão desse segmento foi a respeito da importância que os estudantes atribuem para finanças pessoais/educação financeira, 297 discentes afirmaram ser muito importante, 71 foram neutros, e outros 13 consideraram ser pouco importante, as 13 pessoas reforçam a ideia da questão interior, que alguns discentes não acham tão importante se preocupar com a educação financeira.

5. Considerações Finais

O estudo teve como objetivo analisar o perfil dos estudantes da Universidade de Brasília (UnB), verificar o conhecimento em educação financeira, no que tange aos investimentos e endividamentos, e quantas pessoas buscam ter conhecimento em finanças pessoais independentemente do curso. Constatou-se que a maior parte dos estudantes procuram obter conhecimento sobre finanças pessoais e classificam como muito importante para vida pessoal.

Considerando os dados do perfil pessoal dos estudantes, foi constatado que 73,23% dos estudantes possuem a faixa etária entre 20 a 25 anos, 56,43% são do sexo feminino, 91,91% são solteiros e 74,6% ainda moram com os pais, em questão ao curso superior, a maior parte dos estudantes são de ciências contábeis com 16,3%, e 32,09% afirmaram estar cursando entre o 5º e 6º semestre. A maioria dos estudantes com 75,06% possuem atividade remunerada, sendo que 44,36% possuem renda entre R\$ 500,01 e R\$1.500,00. Foi observado que os estudantes têm o mínimo de educação financeira e planejamento financeiro, mas não possuem o suficiente para sua vida pessoal.

Contudo, alguns números ainda chamam bastante atenção, em relação ao nível de endividamento dos jovens, pôde-se identificar que 35,70% dos estudantes afirmaram que já foram endividados, tendo em conta que a maioria dos estudantes possuem entre 20 a 25 anos é bem expressivo quando vemos que os jovens estão se endividando tão cedo, isso mostra a falta de conhecimento financeiro ao adentrar no mercado de trabalho.

Em relação aos investimentos, grande parte dos discentes ainda investem em poupança, demonstrando não obter conhecimento suficiente sobre investimentos, uma vez que a poupança constantemente tem rendimento menor que a inflação, perdendo seu poder de compra.

Ainda, os discentes demonstraram ter bastante interesse em buscar informações a respeito de finanças pessoais, e grande parte deles afirmaram que a educação financeira e planejamento financeiro como um todo é essencial para suas vidas, principalmente no que cabe a pensar na aposentadoria desde jovem, já que é uma forma de garantir o seu futuro, independentemente da previdência pública, por ser muito democrática e passar por mudanças constantes.

Quando se mencionou sobre a educação financeira ser lecionada já no ensino fundamental e médio, apenas 11 pessoas discordaram da afirmativa, isso demonstra que a maioria dos os estudantes concordaram que deveria ser ensinado desde o ensino básico, considerando que grande parte dos estudantes precisaram recorrer a internet ou aos pais para ter algum conhecimento sobre finanças pessoais e planejamento financeiro.

Foi identificado que 30,71% dos discentes ainda não possuem uma reserva de emergência, e 66 estudantes classificaram como pouco importante, o que é bem preocupante, pois em caso de algum imprevisto como o desemprego, a importância de ter um planejamento pensando no futuro é essencial, inclusive para cobrir qualquer tipo de imprevistos.

Em relação a como os estudantes pagam suas dívidas, 83,20% dos estudantes pagam suas dívidas antecipadamente ou em dia, grande parte dos estudantes com 63,25% planejam com antecedência suas compras, isso demonstra um bom controle e planejamento financeiro dos discentes.

Referente a adoção de cartões de crédito, 81,36% dos discentes afirmaram ter cartão de crédito, com o crescimento da linha de crédito e a facilitação com os bancos digitais onde quase metade dos estudantes investem. Porém, segundo a PEIC de março de 2021, 80,3% das famílias utilizam o cartão de crédito como principal modalidade de dívida, tornando esse tipo de crédito arriscado.

Por fim, de forma geral os estudantes se preocupam em buscar conhecimentos acerca de finanças pessoais e planejamento financeiro, demonstrando conhecer a importância da mesma e pensando no futuro, e em como este pode ser mudado se houver um conhecimento básico acerca deste assunto.

Como sugestão de pesquisas futuras, recomenda-se ampliar o questionário com outras faculdades do ensino público e privado, buscando uma população maior e diferentes variáveis aumentando o alcance do estudo e se aproximando da população brasileira.

A pesquisa teve como limitação a quantidade de questionários respondidos, tendo em vista que foram respondidos 381 questionários e a população total da Universidade de Brasília com 39.699

segundo dados do anuário estatístico de 2020, e também a quantidade de Universidades em que foi aplicada a pesquisa.

Espera-se que com esse resultado, mais estudos e pesquisas surjam acerca desta temática e possa impactar positivamente na implantação de políticas voltadas para educação financeira, contribuindo futuramente para a implementação da educação financeira no currículo, a começar dentro das escolas públicas e da própria universidade em que o estudo foi aplicado.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, J.P.; LUCENA, W.G.L.L. **Educação Financeira: uma análise de grupos acadêmicos**. Economia e Gestão, v. 18, n.49, 2018.
- AMADEU, J. R. (2009). **A educação financeira e sua influência nas decisões de consumo e investimento: Proposta de inserção da disciplina na matriz curricular (dissertação de Mestrado)**. Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente.
- BANCO CENTRAL (2015). **O programa de Educação Financeira do Banco Central**. Recuperado em 03 de jan. de 2015 de <http://www.bcb.gov.br/?BCEDFIN>.
- BOWEN, C. F. (2002). **Financial knowledge of teens and their parents**. Journal of Financial Counseling and Planning, 13(2), 93
- CARDOZO, J. D. S. (2011). **Um olhar sobre a Estratégia Nacional de Educação Financeira– ENEF e sua potencial contribuição para a disseminação da cultura previdenciária**. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em Pedagogia. Universidade de Brasília (UnB).;
- CARVALHO, L.A.; SCHOLZ, R. H. **Se Vê o básico do básico, quando a turma rende: cenário da educação financeira no cotidiano escolar**. Revista Brasileira de Gestão e Inovação, v. 6, n. 2, jan-abr, 2019.
- Em cada dez brasileiros, apenas um tem renda suficiente para pagar despesas de início de ano, mostra pesquisa CNDL/SPC Brasil**. CNDL Brasil, 2020. Disponível em: <https://site.cndl.org.br/em-cada-dez-brasileiros-apenas-um-tem-renda-suficiente-para-pagar-despesas-de-inicio-de-ano-mostra-pesquisa-cndlspc-brasil/#>. Acesso em: 20 de setembro 2021.
- CHEN, H., & VOLPE, R. P. (1998). **An analysis of personal financial literacy among college students**. Financial Services Review, 7(2), 107-128. DOI: [https://doi.org/10.1016/S1057-0810\(99\)80006-7](https://doi.org/10.1016/S1057-0810(99)80006-7).Chen,
- H., & VOLPE, R. P. (2002). **Gender differences in personal financial literacy among college students**. Financial Services Review, 11(3), 289.
- CLANCY, M., GRINSTEIN-WESSISS, M., & SCHREINER, M. (2001). **Financial education and savings outcomes in individual development accounts**. Working Paper 01-2. St. Louis, MO: Center for Social Development, Washington University.
- CRIDDLE E (2006) **Financial literacy: Goals and values, not just numbers**, In Alliance, vol. 34, p. 4
- FILHO, JOSÉ. **Finanças pessoais: invista no seu futuro**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2003.
- FOULKS, S.M.; GRACI, S. P. **Guidelines for Personal Financial Planning. Business**. Vol. 33, n.2; p.. 32, 1989.
- FRANKENBERG, Louis. **Seu futuro financeiro, você é o maior responsável: como planejar suas finanças pessoais para toda a vida**. 7. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- FRANKENBERG, L. (1999). **Seu futuro financeiro**. 8 ed. Rio de Janeiro: Campus.
- GIARETA, M. (2011). **Planejamento financeiro pessoal: Uma proposta de controle de fluxo**

de caixa para orçamento familiar (monografia de Especialização). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

GILLIGAN, H. L. (2012). **Na examination of the financial literacy of California college students.** Doctoral dissertation, College of Education California State University.

GITMAN, L. J. **Princípios de administração financeira.** 12. ed. São Paulo: Editora Pearson, 2010.

GORLA, M. C., MAGRO, C. B. D., SILVA, T. P., & NAKAMURA, W.T. (2016). **A Educação Financeira dos Estudantes do Ensino Médio de Rede Pública segundo aspectos Individuais, Demográficos e de Socialização.** Anais Congresso de Controladoria e Contabilidade, São Paulo, Brasil, 16.

GREENSPAN, A. **Financial Literacy: A Tool for Economic Progress.** The Futurist, v. 36, i. 4, p. 20237-20241, 2002.

GRIFONI, A.; MESSY, F. **Current status of national strategies for financial education: A comparative analysis and relevant practices.** OECD Working Papers on Finance, Insurance and Private Pensions, n. 16, p. 1-36, 2012.

HALFELD, MAURO. **Investimentos: como administrar melhor o seu dinheiro.** 2 ed., São Paulo: Fundamento, 2006.

HALLES, C. R., SOKOLOWSKI, R., & HILGEMBERG, E. M. (2008). **O planejamento financeiro como instrumento de qualidade de vida.** Anais do Seminário de Políticas Públicas no Paraná, Curitiba, PR, Brasil, 1

KICH, T. G. F. **Análise da influência da educação financeira nos vieses comportamentais framing, contabilidade mental e aversão à perda.** 2013. 91 p. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Maria, 2013.

LEONE, R. J. G.; ALVES, W. H. de L. **Interpretação das exigências de prêmio por alunos de economia: um experimento de finanças comportamentais na UFPB.** Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ, v. 16, n. 1, p. 2-18, 2011.

LUSARDI, A., & MITCHELL, O. S. (2014). **The Economic Importance of Financial Literacy: Theory and Evidence, Journal of Economic Literature.** American Economic Association, 52(1), 5-44. DOI: <http://dx.doi.org/10.3386/w18952>

MACEDO JUNIOR, Jurandir Sel. **A árvore do dinheiro: guia para cultivar a sua independência financeira.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

MARTINS, J. P. (2004). **Educação Financeira ao Alcance de Todos.** São Paulo: Editora Fundamento Educacional.

MOORE, D. (2003). **Survey of Financial Literacy in Washington State: Knowledge, behavior, Attitudes, and Experiences.** Olympia, WA : Washington State Dept. of Financial Institutions.

OEHLER, A., & WERNER, C. (2008). **Saving for retirement—a case for financial education in Germany and UK? An economic perspective.** Journal of Consumer Policy, 31(3), 253-283. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10603-008-9074-5>.

ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. (2019).

Financial education and youth. Recuperado de <http://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/financialeducation-and-youth.htm>. Acesso em 14 de outubro de 2019.

PENG, T. M., BARTHOLOMAE, S., FOX, J. J., & CRAVENER, G. (2007, June). **The impact of personal finance education delivered in high school and college courses.** *Journal of Family and Economic Issues*, 28(2), 265-284.

PRADO, A. B. B. **Educação financeira: a visão de jovens universitários sobre as finanças familiares.** 2015. 98 p. Dissertação (Mestrado em Administração) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

REMUND, D. L. (2010). **Financial Literacy Explicated: The Case for a Clearer Definition in an Increasingly Complex Economy.** *Journal of Consumer Affairs*, v. 44, n. 2, pp. 276-295. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1745-6606.2010.01169.x>.

RODRIGUES, A. C. **A evolução do mercado de capitais e o perfil do acionista minoritário no Brasil.** *Scientia Iuris*, Londrina, v. 16, n. 2, p. 107-128, 2012.

SALES, P.C.B. **O Perfil dos jovens universitários diante das finanças pessoais: uma análise dos estudantes do curso de ciências contábeis da Universidade de Brasília.** Trabalho de Conclusão de Curso - UnB, 2019.

SAVOIA, J. R. F.; SAITO, A. T.; SANTANA, F. A. **Paradigmas da educação financeira no Brasil.** *RAP*, v.41, n. 6, p. 121-41, 2007.

SOUTO, M.C.S.M.; SILVA, C.A.T.; BOTELHO, D.R. **Influência da educação financeira no comportamento financeiro: um estudo com os discentes e egressos dos cursos de Ciências Contábeis, Economia e Administração.** *RCiC-UFMT*, v.10, n.19, p.18-38, 2019.

WISNIEWSKI, M. L. G. **A importância da educação financeira na gestão das finanças pessoais: uma ênfase na popularização do mercado de capitais brasileiro.** *Revista Intersaberes*, Curitiba, ano 6, n. 12, p. 155-172, 2011.

ANEXO I

Tabela 1: Relação entre cursos e semestres

Cursos	Semestre							TOTAL	%
	1 e 2	3 e 4	5 e 6	7 e 8	9 e 10	11 e 12	Não se aplica		
Administração	1	5	16	8	4	0	0	34	8,9%
Arquivologia	8	4	17	12	0	0	0	41	10,8%
Arquitetura	0	0	0	0	1	0	0	1	0,3%
Audiovisual	0	7	0	0	0	0	0	7	1,8%
Biblioteconomia	0	0	4	1	0	0	0	5	1,3%
Ciências Biológicas	0	0	5	2	1	0	1	9	2,4%
Ciências Contábeis	1	21	15	9	13	1	2	62	16,3%
Ciência da computação	0	3	7	2	0	0	0	12	3,1%
Ciência Política	0	6	4	10	0	0	0	20	5,2%
Ciências Sociais	1	0	0	0	0	0	0	1	0,3%
Comunicação Organizacional	7	5	2	0	0	0	0	14	3,7%
Comunicação Social	1	2	0	0	0	0	0	3	0,8%
Direito	0	1	11	6	0	0	0	18	4,7%
Engenharia Mecatrônica	0	0	1	4	1	0	0	6	1,6%
Engenharia Civil	0	0	1	3	2	0	0	6	1,6%
Engenharia de Produção	1	0	1	0	0	1	0	3	0,8%
Engenharia Aeroespacial	0	0	0	0	1	0	0	1	0,3%
Engenharia Florestal	1	1	4	1	3	0	0	10	2,6%
Engenharia Elétrica	0	0	1	0	1	0	0	2	0,5%
Engenharia Mecânica	1	0	1	0	0	0	0	2	0,5%
Engenharia de Computação	0	0	0	0	1	0	0	1	0,3%
Engenharia de Redes de Comunicação	4	0	4	4	1	0	0	13	3,4%
Educação Física	0	0	0	1	0	0	0	1	0,3%
Economia	0	0	1	0	0	0	0	1	0,3%
Enfermagem	1	4	5	1	0	0	0	11	2,9%
Estatística	3	6	5	2	0	0	0	16	4,2%
Farmácia	0	1	1	4	2	0	0	8	2,1%
Fonoaudiologia	0	1	1	2	0	0	0	4	1,0%
Geologia	1	1	0	0	1	0	0	3	0,8%
Gestão de Políticas Públicas	0	1	0	0	0	0	0	1	0,3%
História	0	0	0	0	0	0	1	1	0,3%
Jornalismo	3	2	0	0	0	0	0	5	1,3%
Letras	0	4	2	3	0	0	0	9	2,4%
Matemática	5	9	4	3	0	0	0	21	5,5%
Museologia	0	3	1	2	1	0	0	7	1,8%
Pedagogia	0	1	3	0	0	0	0	4	1,0%
Psicologia	0	0	1	0	0	0	0	1	0,3%
Publicidade e Propaganda	1	3	2	0	0	0	0	6	1,6%
Química	0	1	0	0	0	0	0	1	0,3%
Serviço Social	0	2	2	6	0	0	0	10	2,6%
Total	40	94	122	86	33	2	4	381	100,0%

Fonte: Dados da pesquisa